

## Rio Para Não Chorar: a conferência como reflexo da crise do liberalismo global

*Daniel Maurício de Aragão<sup>1</sup> (LABMUNDO-SSA)*

O fracasso previsto e agora evidenciado do acordo da Rio+20 é reflexo de uma crise mais ampla do liberalismo global. As organizações internacionais se veem enfraquecidas ou marginalizadas diante da postura de voluntarismo e flexibilização que se destaca na conduta de Estados e empresas com respeito aos acordos internacionais. Na Rio+20, os interesses de cada Estado, em grande parte associados com agendas de grupos empresariais que atuam transnacionalmente, limita qualquer possibilidade de um consenso mais amplo e mais claro em torno de metas ambientais. E é do lado de fora do evento oficial que fica mais clara a cisão de perspectivas no seio da sociedade civil. Enquanto as empresas com algumas organizações não governamentais (ONGs) cooptadas elaboram em torno dos benefícios de uma economia verde como nova forma de acumulação capitalista, a Cúpula dos Povos marcha em defesa dos bens comuns e contra a mercantilização da vida.

Esta é uma Conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) e, para entendê-la, há que se resgatar a adaptação sofrida pela organização nas últimas décadas. Durante a Guerra Fria, a ONU cumpria um papel dúbio, reflexo da divisão política entre os Estados. Era até mesmo percebida pelos Estados Unidos como ameaça vermelha por sua agenda de regulação das corporações transnacionais (entre outros casos, o da indústria de

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Milton Santos - Universidade Federal da Bahia (UFBA); Doutor em Relações Internacionais pela PUC-Rio.

tabaco e dos substitutos do leite materno) vinculada a seus programas e agências de desenvolvimento. A década de 1990 aparentava ser o momento favorável de produção de consensos globais através de grandes Conferências (Rio 1992 – Meio Ambiente; Viena 1993 – Direitos Humanos; Pequim 1995 – Direito das Mulheres; Istambul 1996 – Assentamentos Humanos). Entretanto, logo se evidenciou que a globalização era menos liberal - centrada no multilateralismo, na cooperação entre os Estados - e mais neoliberal, com foco na flexibilização normativa e na privatização. É nesse contexto que, sobretudo a partir da gestão de Kofi Annan, a ONU fez a sua conversão neoliberal.

Para garantir a sua sobrevivência e o financiamento de seus programas, a ONU afinou suas agendas com as do capital globalizante. O Pacto Global, proposto por Annan ao Fórum Econômico Mundial em 1999 e lançado oficialmente em 2000, é um símbolo-chave dessa adaptação. As próprias agências da ONU vinculadas ao desenvolvimento, como o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), apesar de resistência anterior, terminaram por dar prioridade às parcerias com empresas para a sustentabilidade de seus programas. Nesse sentido, a organização perde cada vez mais legitimidade como espaço de aposta dos movimentos sociais organizados. Há anos atrás, quando da realização da Conferência da ONU sobre Acordos Comerciais e Desenvolvimento (UNCTAD) em São Paulo (2004), movimentos sociais já protestavam, do lado de fora do evento, ecoando “confia não, confia não...” em um trocadilho com o nome do então Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan.

Nesse cenário, o governo do Brasil, anfitrião da Rio+20, parabeniza a si próprio por ter conseguido “chegar a algum acordo”, dando uma indicação de missão cumprida. A própria Cúpula dos Povos é em grande parte patrocinada pelo governo brasileiro (via Caixa Econômica Federal) e, assim, assegura não apenas a visibilidade dos clamores sociais, mas também os registros de imagens que demonstram que os ativistas puderam se manifestar. Ou seja, mesmo diante do fracasso, tanto a Rio+20 oficial quanto a paralela ocorreram normalmente. O recado é oportuno: “viu como o Brasil (e particularmente o Rio de Janeiro) está preparado para organizar megaeventos?”

Insatisfeitas, as poucas ONGs que ainda apostam no sistema ONU tentam se desvincular tardiamente do acordo. Hollande, o recém-empossado presidente francês, aproveita para dizer a que veio, demandando mais compromissos, mas “pas Euro” pra financiar um mundo sustentável. Até mesmo Ban-Ki-Moon, o Secretário-Geral da ONU, se queixa

do acordo, o que se entende diante das evidências sucessivas de perda de relevância de uma organização que cada vez mais se aproxima de um perfil de gerente da boa vontade dos atores políticos globais. E Obama, Merkel e Cameron não tiveram nem a boa vontade de comparecer...

Nesse cenário de crise das eternas promessas do liberalismo global (os regimes internacionais) diante de uma ordem mundial que se evidencia como cada vez mais neoliberal (desregulação, diretrizes e ações voluntárias, poder das corporações transnacionais), ainda que constantemente criticada pela resistência criativa de movimentos sociais, observamos perplexos a ocupação do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES) por povos indígenas com arco e flecha na véspera do início da Rio+20. Encontra-se aí a grande denúncia da modernidade liberal. Em outros termos, observa-se o quão intensamente a compreensão do mundo com base no direito e na ciência tem nos afastado de pensar e agir a partir das condições (e contradições) materiais de nossa existência na Terra. ■